

IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 28 de Outubro de 1906.

NUM. 24

O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre 2\$000

INTERIOR E ESTADOS

Trimestre 3\$000

PAGAS ADIANTADAMENTE

REDAÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—*Clementino Britto.*
Secretario—*Godofredo Oliveira.*
Thesourçeiro—*Irineu Livramento*

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

PARASITAS DA IMPRENSA

Prevenimos aos nossos assignantes em atrazo que acha-se encarregado da cobrança o sr. Herodiano Brazinha e os que não pagarem verão, no proximo numero, os seus nome no Album dos Parasitas da Imprensa.

Não fazemos excepção.

A REDACÇÃO

A VERDADEIRA GRANDEZA

(TRADUCÇÃO)

Quel est le véritable grand homme?

Qual è o verdadeiro grande homem?

Quem conhece os verdadeiros grandes homens?

Os seus nomes não figuram na historia.

Verdadeiro grande homem,—diz Channing,—è aquelle que se consagra à verdade e que pratica a justiça com inquebrantavel resolução; è aquelle que tem a força precisa para resistir às tentações interiores e exteriores; è aquelle que supporta resignado e calmo as mais duras e amargas provações; è aquelle que mostra mais coragem e mais sangue frio nas tempestades da vida; è aquelle que não se curva às ameaças e às perseguições do homem injusto; è aquelle que trabalha incessantemente para si, para sua familia,

para os seus amigos, para todos quantos o destino collocou em relações comsigo; è aquelle, finalmente, que não desconfia dos outros, que faz da virtude um culto, e que crê em Deus.

As luctas entre a razão e as paixões; as victorias da moral sobre as exigencias do interesse pessoal; os sacrificios feitos ao dever; o abandono de prazeres desejados; o esquecimento de esperanças caras, à vista de um progresso moral ou de um acto de dedicação extrema,—eis ahi as grandes acções que ficam ignoradas, porque não são apregoadas.

Pai e mãi que na pobre habitação despertam no espirito de seus filhos a idèa e o amor da perfeita bondade; que fazem nascer nelles uma força de vontade capaz de resistir às maiores tentações, e os ensinam a tirar o maior proveito moral das contrariedades da vida,—tal pai e tal mãi vencem em grandeza todos cezares.

A verdadeira grandeza, pois, está na multidão, no povo, entre aquelles cujos nomes a historia nunca aponta.

H. NUNES

AMOR

A' GENTIL SENHORITA L. S.

Embora! passado um dia,
N'algun angulo de rocha,
Onde a urze desabrocha
O amor desabrocharia!

GUERRA JUNQUEIRO

Amar!—Eis a suprema aspiração dos corações bem formados!

Amar com todas as véras; erigir o amor à altura de uma divindade; oscular-o com os labios immaculados da sinceridade,—è amparar o que ha de mais elevado. E o homem que se abster de ter o amor como um phanal; que procurar repudial-o—apodando-o, considerand-o como uma ficção, de certo vive n'um vacuo, abeira-se de uma gehenna, habita um deserto!

O amor è o orvalho que roreja as floresinhas, dando-lhes vida; fazendo com que se odorifiquem.

Dizer que esse conjuncto de cousas bellas que fazem com que noss'alma confabule com os anjos e que obriga a

nos prosternarmos ante a natureza—gratos de possuil-o, encontre quem o negue, quem o aquilate de chimera e até de vã velleidade,—è o mais inimaginavel, o mais requintado pessimismo.

Que hajá quem em sua busca ande; quem, sedento procure esse manancial para saciar-se, admitte-se, visto como nem a todos è dado deparar logo aos primeiros passos o ente que lhe offereça o braço e diga: «Vamos, arrima-te á mim; quero conduzir-te aos paizes das delicias para que sonhes embevecido com os santos mysterios do amor! Depois, far-te-hei seguir em demanda do mais bello e quicá do mais aprazível dos bens da terra—o lar.»

E queres saber que coisa è essa que è a transição entre o sonho de hontem e a realidade de agora?—E' a barca respeitavel da familia:—o ninho onde se accomoda a moral!

E' d'ali que surdem, fortes e viris, com a fronte erguida, os justos para derribar a arvore da perdição, para obstruir a estrada por onde rasteja a serpente viscosa da corrupção.

Abriu-se-me o coração—para que n'elle fosse depositado o mais excelso dos sentimentos:—o amor!

E á vós que fizestes praticavel o caminho que até então era para mim um dedalo, onde a cada passo encontrava uma interrogação assombrosa que fazia com que me quedasse triste e irresoluto; á vós que me aquecestes com a flamma benefica do vosso amor, fazendo raiar uma aurora nova, resplendente de coisas indiziveis, transformando o nevoeiro opaco no arrebol brilhante que me arrouba,—entrego meu coração como refen, pela victoria que alcançastes, impedindo assim que elle se chafurdasse no paúl da descrença e impellindo-o para a decantada região das delicias, fazendo com que em meus labios pairasse a altiva phrase:—sou feliz!

Sim, eu vól-o entrego para que lhe deis o destino que melhor vos aprou-ver.

XISTO XIMENES

PROCISSÃO

Realisa-se hoje, a festa de Nossa Senhora do Rosario, constando de missa cantada às 10 horas e procissão às 4 da tarde.

A LEMBRANÇA!

(Em retribuição)

A SEMPRE-VIVA

Tristemente, silenciosamente, mergulhado n'um seismar profundo, talvez ouvindo as ultimas palavras pronunciadas por Ella, com a mascara do cynismo afivellada ao rosto, Elle passou, caminhava immerso n'um cumulo de distracção, como um êbrio, que com o cerebro empanado pelas nuvens da embriaguez, nada differença, a não ser atravez de um prisma que bem poderemos chamar-- a fatalidade,—os horisontes têtricos da desgraça!

A multidão que incessantemente transita, não lhe presta a attenção devida, e despercebido, elle continúa a caminhar, sempre com os olhos, como que, cravados no sólo,—parece que a alma desprendendo-se do corpo, vagueia sem tino pelas paragens invizíveis do desconhecido!—Acaso da sorte, caprichos do destino; na terra com a materia, succede o mesmo, não sente nada, nada experimenta, é a força extraordinaria da fatalidade que o impelle para a frente, sempre para a frente.

Obedece a uma attracção grandiosa se bem que invizível, a qual elle não pôda furtar-se.

Eu me lembro, pelo azul deslisava mansamente a filha de Latona, o vento soprava rijo, e elle seguia silenciosamente a linha esbranquiçada do cães, que, protege a cidade contra as iras do colosso liquido,

De repente, ao frouxo clarão do luar, vi correr dos olhos brilhantes do vulto, uma lagrima, que resvalando pelo rosto pallido, como o luar que o illuminava, cahio no seio profundo de uma oada.

— Lagrima, fructo do sentimento, filha do coração, que significação dar-te-hei neste momento?

— Para mim tu representas a dor da alma, és o fructo de um amor trahido, brotastes d'esses olhos pisados pela mão invizível do soffrimento, enquanto o coração ferido pelo punhal do desprezo, revolvia-se no oceano immenso das esperanças mortas. Tu és a lembrança d'esse amor!...

E, pela linha esbranquiçada do cães, o vulto caminhava tristemente,

silenciosamente, como que mergulhado n'um seismar profundo, as vezes um suspiro dolorido escapava-lhe dos labios lividos, era a significação muda e mysteriosa da paixão que lhe dilacerava a alma.

SILVERIO MORENO

Florianopolis, 22—10—1906.

CRUZ

A LUIZ DENTICE JUNIOR

Cruz, oh! cruz, symbolo sacrosanto da nossa ardente fé,—tu, que surges por entre as ramagens verdes do triste cypreste, illuminada apenas pelo clarão das estrellas;—és tu, oh! cruz, o unico faul que se fieta o olhar d'aquelles que padecem...és tu que sempre trazes em teus sombios braços a consolação para os que na hora suprema da morte, pedem allivio para seus corações.

Quando Jesus era levado para o Golgotha, eras tu, oh! cruz, o unico signal que se erguia no cimo da grande montanha.

Cruz, oh! cruz, symbolo sacrosanto da nossa ardente fé.... salve!

CHRYSOTHEMIS DA SILVA

Florianopolis, 12 de Setembro de 1906.

AMOR IMAGINARIO

AO AGENOR PIRES

Altino, um rapaz folgazão, que apregoava em todas as rodas que nunca se casaria para não ter que trocar a vida descuidosa de solteiro pela de casado toda cheia de responsabilidades.

Uma noite em que retirara-se para casa, cansado dos folguedos da vida bohemia, facilmente adormeceu e sonhou que uma mulher bellissima, de rosto claro, cabellos pretos, olhos verdes, bocca pequenina, dentes alvissimos e estatura mediana delicadamente sentara-se á beira de sua cama e pegando a sua mão lhe fallou, com uma voz melodiosa, desse modo:

«Altino a tua vida desregrada precisa ter fim, é necessario que te cases, e eu, se tu quizeres, serei tua esposa, has de gostar immensamente das alegrias do lar.»

Ao terminar essas palavras retirava-se apressadamente.

Altino acorda-se sobresaltado pro-

cura a imaginaria mulher e não a encontra.

O resto da noite passou em claro a pensar nessa visão.

Ao romper da aurora Altino sabe e procura por toda a parte a mulher que vio em sonhos.

Durante tres mezes andou elle assim sem querer se convencer que aquillo era um sonho e, por fim, desanimado retirou-se para um sitio guardando porém, no coração, esse amor imaginario.

NOTOLISTO

OS FILANTES

Ha filantes por necessidade e filantes por vicio, assim como ha caloteiros por falta de meios e caloteiros por vocação.

Dos filantes por necessidade nada direi.

Basta-lhes a circumstancia da necessidade para inspirarem compaixão.

Além d'isso, os filantes por vicio são tantos, que é inutil buir com os outros.

Ha filantes de uma coisa, de muitas coisas, e de todas as coisas.

Os primeiros não são melhores do que os ultimos, nem os medios são piores do que os ultimos e os primeiros.

O vicio é o mesmo.

Comtudo, devemos sempre abrir uma excepção para os filantes de cigarros e de phosphoros.

Estes são os mais *amoladores*, os que têm mais desplante e os que estão mais em condições de comprar phosphoros e cigarros.

Mas não comprem.

Porque?

Para, embora, aborrecendo a humanidade e servindo de motivo de riso aos outros, isto é, aos que filam, pouparem quatorze vintens por dia—duzentos réis dos cigarros e oitenta réis da caixa de phosphoros.

Duzentos e oitenta réis!

Nada.

O calculo d'elles está feito.

Nos mezes de trinta dias poupam 8\$400, e 8\$680 nos mezes de trinta e um dias.

Isto, está sabido, á custa dos outros.

Alguns, para velarem um pouco o vicio, declaram nas rodas dos amigos que o fumo faz-lhes mal, e que resolveram não fumar mais.

D'ahi a minutos, um dos amigos tira um cigarro da carteira, accende-o e começa a saboreal-o com a tranquillidade de quem está saboreando o que é legitimamente seu.

O filante coça a ponta do nariz, passa para o lado do fumante, isto é, para o lado opposto ao do vento, principia a receber como um maná celeste a fumaça azulada do cigarro do

amigo, e diz, passados alguns instantes de mudo extasis:

— Que cheirinho delicioso!

— E' bom, é.

— Onde compras?

— No ***.

— Si eu não tivesse assentado não fumar mais, visto que o fumo me faz mal, e o meu medico prohibio-me o cigarro, afreguezava-me lá.

— Pois afregueza-te.

— Não posso. Estou prohibido.

E depois de um momento:

— Mas é o diabo! Tem um cheirinho tão bom, que não posso deixar de... Ora! que vão á fava as prohibições do medico! Dá-me um cigarro.

O outro, já satisfeito, deita fóra a ponta, sorri, e dá o cigarro pedido.

O filante:

— Dá-me agora o fogo.

— Não tenho.

— Mas deves ter phosphoros. Dá cá um.

Risca o phosphoro, mette distrahi-damente a caixa no bolso, accende o cigarro, fuma-o com a consciencia de quem saborêa o que não é seu, e termina dizendo:

— Não ha remedio. Amanhã vou afreguezar-me no ***.

Mas, no dia seguinte, eil-o de novo a filar cigarros e phosphoros, até dos pobres, que fazem sacrificio para compral-os.

Os filantes de cigarros e phosphoros são muito conhecidos, mas não têm culpa de filar.

A culpa têm os outros em lhes darem phosphoros e cigarros.

Quando receberem a facada, riam-se do assassino da bolsa alheia, e, embora estejam com os bolsos cheios de cigarros e phosphoros, respondam:

— Tenho, mas não dou. Tu podes perfeitamente comprar; compra, e deixa-te de aborrecer os outros. Acredita que o papel que fazes é o mais ridiculo possivel.

Só assim, os filantes talvez deixassem de ser filantes, porque criariam vergonha e não filariam mais.

Mas... eram capazes de fumar as pontas de cigarros que os outros deitassem fóra e irem á cosinha accendel-as ao tição, para não gastarem 280 réis por dia, 8\$400 nos mezes de trinta dias, e 8\$680 nos mezes de trinta e um ditos.

H. N.

ELEONORA OU A VICTIMA DO AMOR

(CONTO)

A' MARCIANO L. TEIXEIRA

I

Do alto da montanha jorrava um repuxo d'agua que parecia impellido por força electrica, vindo bater sobre uma lage de negras pedras, deslizando em seguida por entre valles formados pela sua constante passagem.

Além no declive da montanha, que descia para uma campina, passeava um lindo e joven casal apreciando a natureza tão cheia d'eocantos.

De repente eis que surge, ao longe, um lindo mancebo cavalgando fogoso corcel ricamente ajaezado. Ao passar pelo casal sua mão de leve tocou o chapéo. A moça vendo-o sentio um forte choque compungir-lhe o coração e teve de apoiar-se ao braço do seu companheiro para não cair. O mancebo sentindo-a agarrada a seu braço, perguntou-lhe: que tens Eleonora? Tuas mãos tremem e tuas faces pallidas denotam grande abalo d'alma! Sentes-te incommodada? Eleonora triste e abatida não lhe respondia. Mas por Deus o que tens? Não vês que teu silencio me faz desesperar? Porque não me respondes?

Meu amigo, respondeu-lhe Eleonora, promettes-me guardar silencio e segredo? Sim, disse-lhe o mancebo. Já que assim desejas vou satisfazer-te.

II

Era eu bem pequenina e morava na aldêa de X onde meus pais possuíam uma bella e rendosa propriedade. Perto de nós morava uma familia que possuía um menino de dez annos pouco mais ou menos.

Como é natural, entre vizinhos, elle vinha brincar commigo, quasi todos os dias.

Assim foram-se passando os annos até que nos tornamos moços. Uma tarde estando costurando, meu pae chamou-me e disse:

Minha querida filha: já estás uma moça e bem deves saber que torna-se feio continuares recebendo todos os dias este rapaz que tambem como tu está em pleno vigor da mocidade. Sei perfeitamente que vocês querem-se como dois verdadeiros irmãos, porém um dia pode a amizade que vocês têm um ao outro, transformar-se em amor e então dahi em diante corres grande perigo em o receberes todos os dias, portanto minha querida Eleonora faz o possivel por te absteres de convidal-o para vir conversar commigo. E assim dizendo deu-me um beijo na testa e sahiu para o campo, deixando-me verdadeiramente confusa, pois por mais que coordenasse as suas palavras não pude entendel-as.

Na mesma tarde fui para o muto

de nossa chacara e mal me delruço já lá estava o meu vizinho a minha espera. Não me senti com forças para deixal-o, e elle verdadeiramente satisfeito me perguntou se no dia seguinte podia vir passal-o commigo. E, eu, então com os olhos raios de lagrimas contei-lhe tudo que meu pai dissera. Qual não foi porém o meu espanto vendo-o rir-se e dizer-me: Minha querida Eleonora se tivesses mais um pouco de pratica da humanidade terias comprehendido as palavras de teu pae. E já que desconheces o amor vou te fazer umas quantas perguntas que estou certo depois de responder-as ficarás completamente satisfeita: Ficarias contente se eu partisse para muito longe d'onde nunca mais podesse voltar? Oh! não, lhe respondi.

Não tens vontade de estar todos os dias a meu lado para repetirmos baixinho aquellas doces promessas de sermos um do outro?

— Sim, sim tornei-lhe a repetir.

E finalmente não terás vontade de viver sempre a meu lado ainda que para isso fosse preciso abandonar a tua familia?

Tens razão, disse-lhe, não imaginas que alegria sinto ouvindo-te repetir os meus pensamentos de todos os dias. Ah! comprehendo agora as palavras de meu pae. E' deveras o amor que sinto brotar-me n'alma. Mas se meu pae não quer que eu te receba em nossa casa como é que d'ora avante poderemos conversar a nossa vontade?

No portão dos fundos de tua chacara e a meia noite me respondeu afastando-se para sua casa. Depois que elle retirou-se corri para meu quarto pois, temia que meu pae me encontrasse conversando com elle. Quando o relógio de nossa casa deu a decima segunda pancada annunciando a meia noite, embrulhei-me n'uma capa e corri para o sitio de nossa entrevista e já lá estava o meu namorado que de braços abertos me recebeu. E assim quasi todas as noites eu encontrava-me com elle e conversavamos demoradamente. Passados cinco mezes senti que dentro em breve ia ser mãe e communiquei-lhe o meu estado. O miseravel em vez de prometter-me reparar a falta que commettera, encolheu os hombros e disse-me: mi-

nha Eleonora, já estou demasiado aborrecido de apanhar frio todas as noites e de vez em quando receber um susto ao ouvir cahir uma folha, pensando ser teu pai que deu pela tua falta e vem procurar-te, por isso, resolvi partir para bem longe onde possa viver descansado e feliz. Quanto ao fructo de nosso amor darás a um visinho qualquer para creal-o ou então apöz o seu nascimento mandarás enterral-o por um dos creados, fazendo-lhes acreditar que é um maço de papeis velhos e sem importancia que desejás fazer desaparecer.

E no mais adeus ! E o infame estendeu-me a sua mão. Em vez porém de estender-lhe também a minha, levantei-a e dei-lhe uma bofetada em pleno rosto e corri para casa. Nesta mesma noite sahi de casa para nunca mais voltar. A principio caminhei ao acaso mas depois lembrei-me que no alto d'aquella montanha morava uma familia de camponeses e resoluta dirigir-me para la afim de pedir-lhes agazalho, indo em tão boa occasião que tu da melhor vontade m'o concedeste. E aqui termina a causa do meu profundo desgosto de apouco.

Mas minha querida Eleonora ainda não me declaraste qual o nome do miseravel que te deshonrou, perguntou-lhe o mancebo. Pois bem, já que desejás saber quem foi o miseravel que roubou a minha felicidade, vou dizerte:

Foi Luciano, o cavalleiro que apouco nos cumprimentou.

Meu irmão ? exclamou o mancebo cahindo sem sentidos.

NEMO

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE OUTUBRO)

CHARADAS NOVISSIMAS

A arvore e a planta pertencem ao homem—1, 2.

Tupy

Com esta moeda o general macedonio pagou ao advogado—2, 2.

Adnon

Ao João B. CRESPO

E' grande—1—a igreja—1—onde eu ouvi a variação—1—do *Carnaval de Veneza*—1—e também um bello hymno.

G. de Bruxellas

Ao PLUTÃO
Na montanha para a capital da ilha—1, 1.

Dario

Em Aube ha uma ilha que tem esta arvore—1, 2.

Ao MANECÃO

O jogo aqui é soquete—2, 1.

Ao ADNON

E' grande a refeição do cetaceo—1, 2.

Pedroca

Ao MANECÃO

A arvore tem uma esponja—2, 1.

Ao PEDROCA

No condado a Irlanda existe uma bebida—2, 1.

Caboclo

O animal comeu o fructo da arvore do Brazil—1, 2.

Ilha que tem este instrumento deve ter a veste—2,1.

Da cidade da Italia seguiu para a montanha—2, 1.

Em presença do tenor está o homem—2, 1.

A roda do espaço anda o filho de Neptuno—1, 2.

Lá na ilha tem um peixe na trapeira—1, 2.

Adnon

AUXILIAR

Ao GALBA (em retribuição)

Barú—planta.

Sugo—peixe.

Cuar—rio.

Gosa—villa.

Mulher.

Adnon

ART-NOUVEAU

P.....

...E.....

...D.....

...R.....

...O.....

...C.....

...A.....

Gaio

M.....
A.....
...R.....
A.....
J.....
O.....

Plutão

ENIGMAS

(POR LETTRAS)

Prima e duas, rio de além,
Tercia e quarta faz o abano;
Mas o todo mostra bem
Um califa musulmano.

G. de Bruxellas

A's direitas adverbio
Tu em mim descobrirás,
A's avessas, na Igreja,
Aos domingos ouvirás.

Na cidade ha a planta ?

Plutão

A embarcação vai para a ilha.

Caboclo

10000.

Pedra.

41.

Planta.

Gaio

LOGOGRIPHOS

POR LETTRAS

Ao CARLOS FREVZLEBEN

D'esta planta conhecida 4,3,4,3
Extrahi um *brên* correcto 1,3,4,5
P'ra passar n'aquella mascara 4,2,4,2
Que comprei para o teu neto.

Da *raiz* foi que eu extrahi; 1,5
Pois o resto foi quebrado 2,4
P'ra fazer um alimento 1,5,3,4,2
P'ra o animal que é vertebrado.

G. de Bruxellas

DECIFRAÇÕES

As do ultimo numero, são: Madresilva—Agradecido—Samaria—Dante—Apice—Chela—Belgata—Carruca—Borjáca—Lamiré—Lanceta—Somnambula—Coréa—Cajuba—Adolpho, Manoel, Arthur, Nabor, Alcino, Lino, José, Candido, Raymundo, Celso, Oscar—Iracema—Mearim—Mel—Nazareth—Om—Cab—Caco—Cyriaco—Cruz e Souza—Andua.

Decifraram: Senhorita Celia; 25, e o sr. Ottirb, 24.

NOTA

Continúa a disposição dos srs. charadistas o logogrifo, cuja decifração é uma phrase latina, publicado no nosso n. 8. O autor offerece um romance ao primeiro decifrador.

Caloira